

Resumo de notícias econômicas

18 de Abril de 2022 (segunda-feira)

Ano 3 n. 327

Núcleo de Inteligência da ADECE/SEDET

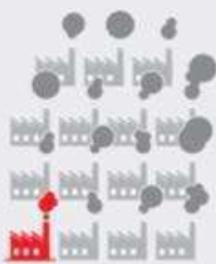


CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

A closer look at carbon offsets

COMPANIES' NET-ZERO GOALS SOUND GOOD, BUT THEY RELY ON A CONTROVERSIAL APPROACH BY KYLA MANDEL

Only a relative few companies around the world have set net-zero targets, and even fewer expect to fully stop emitting greenhouse gases. For the majority, the plan is to eliminate much of their carbon footprint by 2050 with offsets—paying to reduce or remove emissions somewhere else. But offsets are controversial, in part because they're difficult to get right. Tech options, like carbon capture, are nowhere near the scale needed, leaving nature-based solutions, like growing new forests, as the current best choice. But nature is able to absorb only so much carbon from the atmosphere each year, and as more companies set climate goals, the more likely it is that there won't be enough land to meet corporate demand. **Here's a look at the math behind the pledges.**



1. Only 6.5% of companies currently have plans to **reach net-zero emissions**, most by 2050



2. Together, they emit 4 gigatons (gt) of carbon dioxide equivalent (CO₂e) per year, two-thirds of which can be avoided by clean energy and other efforts



3. That leaves up to 1.3 gt of CO₂e per year that companies plan to balance out using **offsets**



4. Currently the most feasible offsets are nature-based (such as reforestation), which at most **can trap about 2.5 gt of CO₂ annually**



5. These companies' plans require nearly 1.4 million sq. mi. (shown above as an equivalent area in the U.S.)—which is over half of all land available in the world for offsets



6. As more companies set net-zero targets, by 2050 demand for offsets will grow to require 3.8 million sq. mi. globally

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 18 ABRIL DE 2021

-No Brasil, guerra se reflete nos preços de alimentos

Itens produzidos por Rússia e Ucrânia, como milho, trigo e soja, fazem pressão no bolso dos brasileiros. Os preços dos alimentos no Brasil, que vinham em alta desde o início da pandemia, ganharam novo impulso após a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 24 de fevereiro. O fenômeno atingiu itens produzidos nos dois países envolvidos no conflito, como milho, trigo e óleo vegetal.

- Gasto público com saúde no Brasil é menor que em países ricos

O percentual de gastos do governo brasileiro com a saúde da população é mais baixo do que em países desenvolvidos e até do que em parte das nações da América Latina. Equivale a 3,8% do PIB, mostra um levantamento do IBGE. O gasto do governo se manteve estável no período, enquanto o das famílias (em planos de saúde, remédios e consultas, por exemplo) cresceu.

- 'É preciso superar o preconceito com a CPMF'

Marcos Cintra diz que potencial de arrecadação é elevado de receitas para o governo, que abriria mão da desoneração da folha de salários. "Essa base tributária (desoneração) está em erosão profunda e isso vai levar a uma falência do sistema se a Previdência não encontrar uma base mais moderna e estável"

- Governo prevê rombo de R\$ 65,9 bilhões em 2023

Se confirmado o resultado, esse será o décimo ano consecutivo de rombo nas contas públicas. A trajetória de déficits fiscais teve início em 2014. Pelas estimativas oficiais, as contas só devem voltar ao azul em 2025, quando o superávit deve ser de R\$ 33,7 bilhões.

- Consumo das famílias nos supermercados cresce 2,26%

O consumo nas lojas de varejo alimentar encerrou o primeiro bimestre com alta de 2,26% ante igual período de 2021, mostra a Associação Brasileira de Supermercados (Abras). O indicador de consumo das famílias corresponde à estimativa do setor supermercadista, que prevê alta de 2,8% para 2022.

- Planos de saúde: a crise da Amil

Depois de a ANS barrar a venda da carteira de planos de saúde individuais da Amil à Assistência Personalizada à Saúde (APS), a gigante americana do setor de saúde United Health dará início a um processo radical: o de venda não apenas desses 337 mil planos, mas de seu negócio como um todo, incluindo carteira de segurados e rede hospitalar.

- Natura quer captar dinheiro no exterior

Algumas empresas brasileiras se animaram com o sucesso da emissão de títulos de dívida (bonds) feita pela Natura no exterior. A companhia de produtos de beleza captou US\$ 600 milhões em bonds que vencem daqui a sete anos, mas teve demanda de US\$ 2,6 bilhões pelos papéis.

- Inflação afasta brasileiro de conquistas do Plano Real

Nos últimos meses, 73,1% dos brasileiros deixaram de comprar carne, quase 10% cortaram iogurte, queijo, outros laticínios e bebidas alcoólicas e perto de 6% não levaram para casa biscoito e feijão. Os dados, de pesquisa do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de SP, feita pela JFP Consultoria, mostram que a inflação de 11,30% nos últimos 12 meses – aliada à queda da renda e ao desemprego – provocou perda abrupta de conquistas de consumo dos brasileiros com o Plano Real

No Brasil, guerra se reflete nos preços de alimentos (18/04/2022)

O Estado de S. Paulo.

Itens produzidos por Rússia e Ucrânia, como milho, trigo e soja, fazem pressão no bolso dos brasileiros. Os preços dos alimentos no Brasil, que vinham em alta desde o início da pandemia, ganharam novo impulso após a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 24 de fevereiro. O fenômeno atingiu itens produzidos nos dois países envolvidos no conflito, como milho, trigo e óleo vegetal. O aumento preocupa governos mundo afora, acendendo um alerta sobre a insegurança alimentar da população mais vulnerável.

Os alimentos vendidos para consumo em casa, como os comprados em supermercados e feiras, subiram 3,09% desde o começo da guerra, segundo a inflação oficial medida pelo IPCA. Sob influência da cotação internacional, houve aumento de preços de óleo de soja (8,99%), farinha de trigo (4,03%) e macarrão (2,69%). O pão francês subiu 2,97%. O comportamento não é muito diferente do restante do mundo. Segundo a ONU, os preços dos alimentos dispararam 13% em março no mundo.

Especialistas afirmam que a pressão dos preços resultou em perda de bem-estar, especialmente na parcela mais pobre da população. Desde o início da pandemia, a confiança das famílias de baixa renda permanece inferior à das famílias de renda mais alta, segundo estudo da FGV. Em março de 2022, a confiança do consumidor com renda familiar de até R\$ 2.100 mensais estava em 69 pontos, 17% mais baixa que a do grupo com renda familiar acima de R\$ 9.600, de 83,6 pontos.

Gasto público com saúde no Brasil é menor que em países ricos (18/04/2022)

O Estado de S. Paulo.

O percentual de gastos do governo brasileiro com a saúde da população é mais baixo do que em países desenvolvidos e até do que em parte das nações da América Latina. Equivale a 3,8% do PIB, mostra um levantamento do IBGE. De 2010 a 2019, os gastos – públicos e privados – com bens e serviços do setor de saúde no Brasil subiram de 8% para 9,6% do PIB. O aumento saiu do bolso dos brasileiros. O gasto do governo se manteve estável no período, enquanto o das famílias (em planos de saúde, remédios e consultas, por exemplo) cresceu. Em 2019, o consumo de bens e serviços de saúde alcançou R\$ 711,4 bilhões. Do total, despesas das famílias brasileiras somaram R\$ 427,8

bilhões (5,8% do PIB), e as do governo, R\$ 283,6 bilhões (3,8%). Em 2010, a contribuição das famílias era 4,4%, ante 3,6% do governo. A Organização Panamericana de Saúde (Opas) defende investimento dos governos em saúde equivalente a 6% do PIB.

“Também chama a atenção a expansão das atividades da saúde privada, de 50% na década. E as atividades de saúde pública não tiveram expansão significativa”, diz a Maria Angélica Borges, da Fiocruz. Uma emenda constitucional de 2016 estipulou um teto para a despesa primária da União. As despesas são reajustadas apenas conforme a inflação. Na média, em países selecionados da OCDE, os governos gastaram 6,5% do PIB, e as famílias desembolsam só 2,3% do PIB. Os governos de Alemanha, França e Reino Unido investem 9,9%, 9,3% e 8,0% do PIB, respectivamente.

‘É preciso superar o preconceito com a CPMF’ (18/04/2022)

O Estado de S. Paulo.

Professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas e ex-secretário Especial da Receita Federal do governo Bolsonaro demitido da Receita Federal em 2019 por defender um imposto nos moldes da CPMF, tributo tido como “morto e enterrado” por muitos, Marcos Cintra, professor da Economia da FGV, acredita que chegou a hora da retomada do tributo sobre movimentação financeira. Marcos Cintra diz que potencial de arrecadação é elevado de receitas para o governo, que abriria mão da desoneração da folha de salários. “Essa base tributária (desoneração) está em erosão profunda e isso vai levar a uma falência do sistema se a Previdência não encontrar uma base mais moderna e estável”. A seguir, trechos da entrevista.

Por que a retomada da CPMF volta agora?

A desoneração, dentro de qualquer projeto de reforma tributária, é fundamental por três razões. A primeira é que a Previdência é custeada por uma incidência sobre a folha, que é uma base em deterioração. A segunda é que vivemos uma crise do desemprego e a incidência pesada sobre folha de salários prejudica e encarece o custo do trabalho. A terceira é que o debate sobre desoneração recebe muito apoio, tanto que 17 setores da economia foram desonerados.

Temporariamente...

Sim. Já foi prorrogado uma vez, e isso acaba ficando uma tendência permanente – a maior parte é de serviços. Precisamos estender a outros setores.

Qual é o potencial de arrecadação?

Segundo estimativas da Receita, 1% de aumento gera R\$ 300 bilhões de arrecadação. É impressionante.

Como o Instituto Unidos Brasil (IUB) conseguirá convencer um parlamentar a ressuscitar a CPMF?

O que propomos não tem nada a ver com a CPMF. Ela criou uma profunda antipatia popular porque surgiu como um custo a mais. Neste caso, eliminará a tributação sobre a folha, que tem viés antissocial.

A CPMF foi criada para sanar problemas na Saúde.

Foi criada para resolver o problema da Saúde e não resolveu nada. Então, é uma questão de superar esse preconceito (com a CPMF). Mais de 70 países usam variações de impostos sobre movimentação financeira.

Governo prevê rombo de R\$ 65,9 bilhões em 2023 (18/04/2022)

Broadcast

O Ministério da Economia propôs uma meta de déficit primário – diferença entre tudo o que o governo arrecada menos o que gasta, sem levar em conta os juros da dívida – de até R\$ 65,9 bilhões para 2023, segundo o projeto da Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) do próximo ano, enviado ao Congresso Nacional ontem.

Se confirmado o resultado, esse será o décimo ano consecutivo de rombo nas contas públicas. A trajetória de déficits fiscais teve início em 2014. Pelas estimativas oficiais, as contas só devem voltar ao azul em 2025, quando o superávit deve ser de R\$ 33,7 bilhões. Em 2024, o resultado negativo deve ser de R\$ 27,87 bilhões, segundo as projeções. Para este ano, a LDO 2022, aprovada no ano passado, autoriza um rombo fiscal de até R\$ 170,5 bilhões. Mas a última estimativa do Ministério da Economia, divulgada em março, é de que o déficit primário será de R\$ 66,9 bilhões em 2022.

No projeto, o governo divulgou os parâmetros a serem utilizados para o Orçamento do ano que vem. O texto estima que o salário-mínimo irá subir dos atuais R\$ 1.212 para R\$ 1.294 no próximo ano. O valor considera apenas a correção pela inflação medida pelo INPC neste ano, sem alta real no salário. Para 2024, a previsão é de que o salário-mínimo será de R\$ 1.337, chegando a R\$ 1.378 em 2025. O salário-mínimo é base

de referência para outras despesas, como os benefícios da Previdência Social e de assistência social a idosos e pessoas com deficiência (BPC), além do abono salarial.

Consumo das famílias nos supermercados cresce 2,26% (18/04/2022)

Broadcast

O consumo nas lojas de varejo alimentar encerrou o primeiro bimestre com alta de 2,26% ante igual período de 2021, mostra a Associação Brasileira de Supermercados (Abras). O indicador de consumo das famílias corresponde à estimativa do setor supermercadista, que prevê alta de 2,8% para 2022.

Em relação a fevereiro de 2021, a alta foi mais expressiva, de 3,98%. Já em janeiro houve recuo de 0,90%. De acordo com a Abras, a queda é explicada pelo menor número de dias em fevereiro, na comparação com o mês anterior.

Todos os indicadores foram deflacionados pelo IPCA, do IBGE. “O consumo nos lares foi positivo no primeiro bimestre ainda que diante de uma inflação elevada e da alta taxa de desemprego”, afirma o vice-presidente da Abras, Marcio Milan. Para ele, um dos fatores que contribui para a manutenção do consumo das famílias é a transferência de renda via programas sociais, como o Auxílio Brasil, que tem 18 milhões de beneficiados no País, com renda mínima de R\$ 400. “O cenário em 2021 era instável. O consumidor vivia na incerteza do recebimento do auxílio emergencial, com o fim do pagamento do benefício decretado em dezembro de 2020”, afirma Milan.

Planos de saúde: a crise da Amil (18/04/2022)

Jornal Valor Econômico

Depois de a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) barrar a venda da carteira de planos de saúde individuais da Amil à Assistência Personalizada à Saúde (APS), a gigante americana do setor de saúde United Health dará início a um processo radical: o de venda não apenas desses 337 mil planos, mas de seu negócio como um todo, incluindo carteira de segurados e rede hospitalar. A proposta multibilionária já começou a circular no mercado. Os candidatos principais seriam Bradesco Seguros e Rede D’Or, que demonstraram apetite na aquisição dos hospitais da Amil. A Dasa, que pertence à família Bueno (fundadora da Amil), estaria de olho na operação. Entre os fundos de investimento, o Advent é citado. O setor de saúde, considerado um “porto seguro” mesmo diante do cenário de crise, continua aquecido em fusões e aquisições.

Prova disso foi a recente negociação relâmpago da Rede D'Or com a SulAmérica, que pode ser interpretada como um sinal de que a D'Or tem interesse em planos de saúde.

Como não está conseguindo tirar o peso dos planos individuais de seu balanço, a United Health vai colocá-lo em um pacote de venda muito maior. A Amil, de acordo com dados disponíveis em seu site, possui uma rede de 5,7 milhões de beneficiários, 7,4 mil laboratórios, 19,5 mil colaboradores e 19,7 mil médicos conveniados. A empresa possui ainda 15 unidades hospitalares e 1,2 mil hospitais credenciados à sua rede.

Natura quer captar dinheiro no exterior (18/04/2022)

Broadcast

Algumas empresas brasileiras se animaram com o sucesso da emissão de títulos de dívida (bonds) feita pela Natura no exterior. A companhia de produtos de beleza captou US\$ 600 milhões em bonds que vencem daqui a sete anos, mas teve demanda de US\$ 2,6 bilhões pelos papéis. Na fila, Cosan, Rumo, CSN, Marfrig, BRF e alguns bancos devem estudar a possibilidade de acessar o mercado externo, especialmente porque o segundo semestre será um período mais complicado, devido às eleições e à perspectiva de alta do juro nos EUA. A Cosan, por exemplo, tem bond que vence em 2023, com uma cláusula que permite a recompra em maio. A Marfrig também tem exercício de opção de recompra este ano de bond que vence em 2028.

Entre os bancos, há títulos com vencimentos este ano no Itaú, Banco do Brasil, BTG Pactual, Votorantim e Caixa. A Natura foi a primeira a captar no exterior desde fevereiro, quando começou o conflito na Ucrânia. Esse mercado ficou volátil, e as companhias recuaram de operações. As empresas não comentaram.

Inflação afasta brasileiro de conquistas do Plano Real (18/04/2022)

O Estado de S. Paulo.

Nos últimos meses, 73,1% dos brasileiros deixaram de comprar carne, quase 10% cortaram iogurte, queijo, outros laticínios e bebidas alcoólicas e perto de 6% não levaram para casa biscoito e feijão. Os dados, de pesquisa do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de SP, feita pela JFP Consultoria, mostram que a inflação de 11,30% nos últimos 12 meses – aliada à queda da renda e ao desemprego – provocou perda abrupta de conquistas de consumo dos brasileiros com

o Plano Real. Com a alta dos combustíveis, consumidores optam pelo comércio de bairro.

O choque de preços que levou a inflação em março a 1,62%, a maior marca para o mês em 28 anos, e a dos últimos 12 meses a 11,30% provocou uma perda abrupta de conquistas de consumo dos brasileiros desde o Plano Real. Carne, iogurte, queijo, bolacha recheada, itens que tinham ficado acessíveis nas últimas décadas, agora estão deixando a lista de compras de parte da população – o que é o exemplo mais visível de uma situação de perda de renda, desemprego elevado e custos mais altos.

Nos últimos meses, 73,1% dos consumidores deixaram de comprar carne, 10% cortaram iogurte, queijo, laticínios e bebidas alcoólicas e 6% não levaram para a casa biscoito e feijão, alimento básico, revela pesquisa do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo (Sincovaga), feita pela JFP Consultoria.

***Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do
Governo do Estado do Ceará.***

Assessoria de Comunicação – ADECE

Fone: (85) 3108.2700

www.adece.ce.gov.br

ANEXO

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualização 14.02.2022

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020*	2021**	2022**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	6,24	1,25
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,65	0,5

Fonte: IPECE. Atualizado em 16/12/2021.

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ BILHÕES) (JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020*	2021**	
Ceará	155,9	167,0	168,3	193,6	
Brasil	7.004,1	7.407,0	7.447,9	8.468,1	

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020*	2021**	
PIB CE/PIB BR	2,23	2,25	2,26	2,29	
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33	

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 29/09/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (*) Valores projetados, sujeitos a revisão.

ÍNDICE DA ATIVIDADE ECONÔMICA REGIONAL - VARIAÇÃO ACUMULADA (%)

REGIÃO/ANO	JAN-DEZ/18	JAN-DEZ/19	JAN-DEZ/20	JAN-DEZ /21
Ceará	1,86	1,83	-3,97	4,22
Nordeste	1,59	0,34	-3,54	2,97
Brasil	1,32	1,05	-4,05	4,50

Fonte: Banco Central.

Nota: base: igual período do ano anterior.

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN)						
	2018	2019	2020	2021	2022	Var (21 - 22) %
Exportações	180,54	238,18	203,67	106,10	210,12	98,03
Importações	195,15	206,10	257,98	237,20	628,94	165,15
Saldo Comercial	-14,60	32,08	-54,30	-131,10	-418,83	219,47

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO

	2018	2019	2020	2021 (Até dezembro)
Brasil (R\$ Tri)	3,26	3,48	4,02	4,68
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	100,58

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE – CEARÁ	Variação Acumulada de Janeiro a Dezembro			
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,4	1,6	-6,2	3,7
Pesquisa Mensal de Serviços	-7,1	0,3	-13,6	13,2
Pesquisa Mensal do Turismo	6,6	4,8	-41,0	19,5
Vendas Mensais do Varejo Comum	2,1	-1,4	-5,8	-3,3
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	2,7	3,1	-5,0	7,1
Vendas Mensais de Materiais de Construção	-2,8	13,7	5,8	23,1

Fonte: IBGE e FGV.

Nota: base: igual período do ano anterior.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018.4	2019.4	2020.4	2021.3
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	12,4
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	46,7
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.408 (100%)
Força de trabalho (mil) (a=b+c)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.952 (53%)
Ocupada (mil) (b)	3.676	3.762	3.260	3.460
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.618
Informal (mil)	2.046	2.060	1.726	1.842
Desocupada (mil) (c)	412	423	549	492
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.456 (47%)
Desalentados (mil)	328	358	466	384
Rendimento médio, estimava real, de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (em R\$)	1.525	1.685	1.656	1.694

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021* (Até dezembro)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.478.563	1.441.497	1.522.957
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.548.407	8.368.329	8.842.907
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	46.716.492	46.236.176	48.966.773
CE/NE (%)	17,34	17,11	17,15	17,02	17,30	17,23	17,22
CE/BR (%)	3,21	3,13	3,17	3,16	3,16	3,12	3,11
NE/BR (%)	18,52	18,32	18,46	18,54	18,30	18,10	18,06

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

Nota: * O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2020 + o saldo das contratações de 2021.

Movimentação do emprego formal – Ceará – 1996 – Dezembro/2021

Ano Declarado	Admitidos	Desligados	Saldo
2021*	492.569	411.109	81.460
2020*	373.278	367.300	5.978
2019	372.926	363.380	9.546
2018	376.722	357.097	19.625
2017	365.964	371.270	-5.306
2016	386.494	423.395	-36.901
2015	461.644	497.486	-35.842
2014	540.098	498.154	41.944
2013	523.674	477.859	45.815
2012	481.466	451.338	30.128
2011	489.918	443.892	46.026
2010	448.201	375.414	72.787
2009	379.204	314.768	64.436
2008	345.458	304.017	41.441
2007	295.833	256.111	39.722
2006	267.041	233.481	33.560
2005	240.637	209.762	30.875
2004	227.205	195.965	31.240
2003	210.583	191.938	18.645
Subtotal	7.278.915	6.743.736	535.179
2002			30.831
2001			17.081
2000			17.779
1999			5.823
1998			-7.460
1997			4.031
1996			1.463
Total			604.727

Fonte: Ministério da Economia/ NOVO CAGED.

Nota: * Valores sujeitos a revisão.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN-DEZ)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	70.245	85.246	89.216	110.011
Fechamento	71.837	31.598	27.472	38.832
Saldo	-1.592	53.648	61.744	71.179

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-DEZ)					
PERÍODO	2018	2019	2020	2021	Var (18 - 21) %
	17.214.859	18.100.766	15.930.483	22.417.077	30,22

Fonte: CIPP.

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-DEZ)					
	2018	2019	2020	2021	Var (20 - 21) %
Ceará	11.575.659	11.903.860	11.673.157	12.712.261	8,90

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.

Fechamento do mercado

Bolsas

IBOV
116.182,00

NASDAQ
13.351,08

DOW JONES
34.451,23

S&P 500
4.392,59

Nikkei 225
26.596,66

LSE Londres
8.150,00

Moedas

DÓLAR
R\$ 4,70

EUR
R\$ 5,07

GBP/USD
1,30

USD/JPY
126,61

EUR/USD
1,08

USD/CNY
6,37

BITCOIN
\$39.818,45

COMMODITIES

BRENT (US\$)
112,77

Prata (US\$)
26,06

Boi Gordo (US\$)
140,68

Trigo NY (US\$)
1.115,90

OURO (US\$)
1.988,00

Boi Gordo (R\$)
327,20

Soja NY (US\$)
1.691,75

Fe CFR (US\$)
155,69

Indicadores de mercado

US T-2Y
2,50

US T-5Y
2,82

US T-10Y
2,86

US T-30Y
2,95

SELIC (%)
11,75

US T-20Y
3,13

Risco Brasil - CDS
5 anos - USD
216,74

Receita Corrente
Líquida - Ceará (2021)
25.170,81 Mi

Investimento - Ceará
(2021)
3.477,67 Mi

IPCA -
Acumulado em
12 meses (%)
11,30

Última atualização:
18/04/2022

